# RE-CRIANDO A CASA DE JESUS E SEU DISCIPULADO DE IGUAIS: O MOVIMENTO DE JESUS NA TRADIÇÃO DO/A DISCÍPULO/A AMADO/A

Hermes Tonini

**Conversando com Maria ao redor do fogão a lenha e tomando chimarrão**

Dia desses, levantei bem cedo e fui tomar chimarrão com a Maria, mulher do Sílvio, mãe de muitos filhos, mas que agora vive só com o marido e um dos filhos que pára pouco em casa. Enquanto tomávamos chimarrão, a conversa rolava de forma bem prazerosa, pelo clima da casa e do acolhimento da Maria, bem como pelo clima desse tempo de início de primavera, de ipês floridos e céu limpo, de cheiro de terra removida, pronta para receber as sementes...

Durante a conversa, Maria teceu um comentário que guardei na memória e que recordo com carinho com vocês. Ela dizia: "a gente só entra sem bater na porta, sem pedir licença, na casa do pai e da mãe da gente! Lá a gente sempre se sente em casa, bem à vontade, mesmo depois de termos a nossa própria casa. A casa do pai e da mãe é a casa primeira da gente!"

**Fazendo memória da casa do pai e da casa da mãe**

Apaixonei-me pela "Bíblia" quando conheci aquela parábola que o Fr. Carlos Mesters nos conta sobre aquele povoado que tinha uma casa chamada "Casa do Povo", onde todos podiam chegar e se sentir bem à vontade! Como se estivessem em casa! Na casa do pai e da mãe, como diz a Maria. Ninguém era excluído, mesmo quem era "de fora", diferente, de outras raças, línguas, países... eram bem recebidos e também sentiam-se em casa. Foi assim. Eu vi na Bíblia a casa da minha mãe e do meu pai. Lá foi sempre assim. Não recordo de termos vivido só "os de sangue", em casa. Sempre tivemos em casa "gente de fora". Eu era bem pequeno, mas lembro bem do velho Agostinho, que tinha parentes ricos, mas que não o acolheram, e a mãe e o pai cuidaram dele, lá em casa, até a morte. Lembro com carinho da negra Palmira – viúva, negra e pobre –, mãe do Antônio e da Lourdes, que ficou morando com a gente muitos anos, enquanto os filhos estudavam. Depois, a comunidade construiu uma casa para ela. Tantos outros e outras viveram lá em casa, alguns até se casarem. Lembro também que quando alguém precisava de uma casa para celebrar a festa de casamento a família toda se reunia em casa dos meus pais, apesar de termos outros tios/as com casa melhor. É como costuma dizer a mãe: "a gente sempre se ajeita, tem lugar pra todos/as". Também no tempo de finados, todo ano a casa fica cheia de parentes que vêm para os rituais de memória dos entes queridos que estão enterrados no cemitério da comuni-

dade. Nesses dias, especialmente, as noites são repletas de recordações e de memórias. Lembro-me que, numa dessas ocasiões, minha mãe e algumas sobrinhas dela passaram a noite toda ao redor do fogão a lenha conversando e contando histórias.

Ainda hoje, a casa está com "outros" filhos que não são os seus de sangue. Continua sendo a casa onde a gente chega e fica à vontade.

Lembro-me, também, da casa da prelazia de Óbidos, lá na garganta do Amazonas, no Pará, onde vivi durante sete anos junto às comunidades; morávamos juntos, Martinho, o bispo, o velho Lídio, meu querido amigo índio, e a casa sempre cheia. Martinho costumava dizer sempre: a casa da Prelazia precisa ser sempre a casa em que todas as pessoas se sintam bem à vontade; devem ser sempre bem acolhidas, os portões devem ficar abertos para a criançada poder chegar e beber água fria.

Queremos entrar na Bíblia como quem entra na casa do pai e da mãe, onde podemos nos encontrar e sentir-nos bem. É com essa disposição que queremos partilhar com vocês um pouco da caminhada da reflexão bíblica que temos feito de forma bem "caseira", com cheiro de cozinha, de temperos e de conversa ao redor do fogão a lenha, tomando chimarrão. Queremos, assim, nos aproximar do Movimento de Jesus e mais especialmente da comunidade do/a discípulo/a amado/a.

## Entrando na casa de Jesus: a Baixa Galiléia

"Numa casa onde mora tanta gente
Cada qual que festeje a diferença,
Cada povo uma história, uma crença,
Cada mão um gesto independente...
Pois que abriu-se a janela novamente
E ali, onde se vê o mundo inteiro,
Na poeira sagrada do terreiro
Sobrepõe-se a cidade em outro plano
Num mosaico que é o povo brasileiro" (Siba).

Estamos convictos de que os textos bíblicos nascem em épocas e situações históricas bem concretas, e, por isso, precisamos levar em conta, dentro do que nos é possível, o tempo e o mundo dessas comunidades/grupos/pessoas que escrevem. Assim, o Movimento de Jesus precisa ser entendido como um movimento judaico que faz parte da história judaica do primeiro século antes da era comum. Isso significa dizer que para entender o Movimento de Jesus precisamos nos deter em alguns sinais que são imprescindíveis para sua compreensão histórica: reconstruir o Movimento de Jesus como movimento judaico, dentro de suas estruturas culturais e religiosas. Jesus segue a tradição judaica, não qualquer uma, mas a tradição profética que resgata a memória do Êxodo, dos profetas antigos e toda a experiência tribal da casa do pai e da mãe (*bet'ab* e *bet'em*), dos pobres da terra com toda a sua sabedoria. É a partir dessas tradições que Jesus vai desenvolver o seu ministério. É a partir de elementos que ele conhece muito bem, porque fazem parte de sua vida, sua casa, que propõe um "discipulado de iguais" a partir de dentro do mundo judaico desigual.



A práxis e a visão de Jesus e de seu movimento são melhor entendidas como um movimento intrajudaico de renovação, que se apresenta mais como alternativa às estruturas políticas, econômicas, culturais e religiosas patriarcais dominantes, do que como uma formação de oposição que rejeita os valores e a práxis do judaísmo.

## Na cozinha da Casa de Jesus: um grande panelão de sopa

O mundo de Jesus e seu movimento é o da Galiléia e, mais precisamente, o da Baixa Galiléia.

Um mundo marcado pela história de sucessões de domínios de vários impérios estrangeiros: Assírios, Babilônios, Persas, Gregos e então pelos Romanos. É "terra do meio" entre o deserto-Oriente-Mesopotâmia e o mar-Ocidente-Grécia-Roma, entre o Egito no Sul e os povos do Norte.

Um mundo marcado por uma economia de concentração de renda, de terra, tanto interna como externa, alta tributação, chegando no tempo de Jesus a atingir cerca de 60% da produção e, por isso, um mundo marcado por um campesinato empobrecido, sem-terra, mas resistente. Muitos movimentos e revoltas marcam esse período. Voltaremos, mais adiante, a falar sobre isso. Por outro lado, cidades com periferias e aldeias empobrecidas e alta concentração populacional.

Um mundo marcado por intensas rotas de caravanas de comércio, fazendo de Séforis, capital da província da Galiléia do tempo de Jesus, a principal cidade e entroncamento das rotas comerciais e, por isso, ponto de encontro de muitos povos, raças, culturas, religiões, línguas. Um grande "panelão de sopa" onde muita gente coloca ingredientes próprios e de onde todos bebem dessa "sopa"!

Um mundo marcado pelo *helenismo*, a cultura dominante do tempo de Jesus. Depois do domínio persa, Alexandre Magno (356-323 aC), rei da Macedônia, torna-se o grande imperador que com suas muitas batalhas uniu a civilização grega com a do Egito e a de todo o Oriente até a Índia. Inicia-se uma nova época para a humanidade daquele mundo. "Emergiu uma 'sociedade universal' em que a cultura e a língua grega tiveram papel dominante. Esse período, que durou uns 300 anos, se costuma chamar 'helenismo'. Com o termo 'helenismo' se entende tanto a época como a cultura predominantemente grega que domina os três reinos helenísticos: Macedônia, Síria e Egito", diz Jostein Gaarder.

O domínio político-militar de Roma (50 aC) sobre os reinos helênicos não significou que a cultura helênica – filosofia, língua, religiões – tenha sido suplantada. Ao contrário, antes do domínio romano, Roma foi província de domínio da cultura grega, e, por muito tempo, continuou tendo papel predominante no modo de pensar e agir das pessoas. Assim, o helenismo se caracterizou pelo fato de que as fronteiras foram rompidas entre os diversos países/impérios territoriais e culturais. Anteriormente, gregos, romanos, egípcios, babilônios, sírios, persas haviam adorado seus "deuses" dentro do que se poderia chamar de "religião de um estado nacional". Agora, as

diferentes culturas se mesclam, se misturam, se completam, se relacionam em um crisol de idéias religiosas, filosóficas, científicas, políticas, econômicas, de gênero, de raças... Poderíamos dizer que a praça tornou-se um grande estádio mundial, onde encontramos "gentes" e as escutamos com suas diferentes línguas, pensamentos, idéias e práticas. E assim é Séforis; assim, também, é a Baixa Galiléia no tempo do Movimento de Jesus. Um grande panelão de sopa, onde se acolhiam as diversas expressões religiosas que lhes eram comuns: mitos e tradições se mesclavam numa "misturança" enorme. Num sincretismo impressionante. É a sopa que todos e todas bebem, porque todos e todas ajudaram a preparar!

Um mundo fortemente marcado pela tradição, pela memória tribalista, "exodal", profética, da Aliança: espaço do acolhimento, da inclusão, da partilha, das relações de igualdade, espaço da Vida. A Baixa Galiléia é o espaço da resistência, é antitemplar, antimonárquica. Alguns autores acreditam ser esse o espaço primeiro do surgimento das sinagogas como espaço da memória de Israel.

**Abrindo janelas da Casa de Jesus**

"Abre a janela meu bem
Vem ver o dia que vem
Deixa o sol entrar e o vento falar
Que eu te quero bem

Deixa a brisa da manhã te abraçar
Vê a rosa no canteiro a te sorrir
Vou pedir galo-campina pra cantar
Vou mandar te dar bom-dia o bem-te-vi

Essa vida só é vida com amor
Acordado é o melhor jeito de sonhar
Que o carinho seja sempre o bom sabor
E a razão pra toda hora começar

Se a saudade ou o cansaço te bater
Busque a força no segredo da paixão
Não me esqueça que eu não vou te esquecer
Somos um nesse país que é o coração!" (Zé Vicente).

*1. Primeira janela: o Movimento Cínico, sua filosofia e práxis*

No período do Movimento de Jesus há um reflorescimento da filosofia cínica. Encontramos até uma "escola" cínica na região da Galiléia oriental. Com suas cartas, algumas anteriores à Era Comum, outras contemporâneas ao Movimento de Jesus e ao início do cristianismo do primeiro e segundo século da Era Comum. Os cínicos mostram-nos um jeito peculiar de viver e pensar que muito se assemelha a alguns aspectos do Movimento de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Os cínicos vivem numa relação muito próxima com a natureza, sem apego algum às coisas



materiais, contestam todo tipo de propriedade privada, vivem extremamente a pobreza como condição de sua plena liberdade. Contestam o sistema vigente pelo seu jeito de viver...

Vejamos alguns trechos de cartas cínicas, contemporâneas ao Movimento de Jesus:

> (A Hanão) "... Quanto a mim, um manto é minha única vestimenta, a sola de meus pés são os meus calçados, o mundo inteiro é minha morada, o leite, o queijo e a carne são a minha refeição favorita, mas a fome é meu prato principal..." (Pseudo-Anacarsis 5 – somemos a isso que já existia em 45 aC, pois Cícero a cita por extenso nas *Questões Tusculanas* 5.90).

Na tradição cínica, o manto, o cajado e o alforje acabaram sendo quase uma tríade oficial.

> (A Hícetas) "... Não te preocupes, meu pai, se me chamam de cachorro ou se visto um manto grosseiro, carrego um alforje nos ombros e um cajado na mão... nem com a vida que levo, contrária à opinião popular, mas em conformidade com a natureza, livre sob a tutela de Zeus... Abandonei quase tudo que fazia pesar o meu alforje, pois descobri que um pão sem miolo dá um ótimo prato e que no lugar de um copo para beber bastam as minhas mãos... Tudo que preciso para viver cabe num alforje..."
>
> (A Antípater) "... Ouvi dizer que achas que não faço nada de especial ao vestir um manto esfarrapado e carregar um alforje, admito que nada disso é extraordinário, mas cada um desses itens tem seu valor, se forem usados por uma decisão consciente..." (Pseudo-Diógenes 7,13,15,22).

Os cínicos também eram conhecidos e caracterizados por uma extrema ironia, símbolo de quem não tem nada a perder; expressa em ditos curtos e mordazes, podemos lembrar alguns bem conhecidos: "quem tem ouvidos para ouvir ouça!" ou ainda: "os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros!"

*2. Segunda janela: Movimento Bandido no mundo judaico*

Durante o domínio romano na Palestina (50 aC a 135 dC), uma das formas sociais que a agitação e a resistência popular assumiram na sociedade judaica no tempo de Jesus foi o "banditismo social", na expressão de Eric Hobsbawm, especialmente entre o campesinato. O banditismo social surge em sociedades agrárias tradicionais em que os camponeses são explorados por governos e proprietários de terras, particularmente em situações nas quais os camponeses são economicamente vulneráveis e os governos administrativamente ineficientes. Esse banditismo pode aumentar em épocas de crise econômica, incitado pela fome e pela elevada tributação. "Os bandidos sociais emergem de incidentes e circunstâncias em que aquilo que é imposto pelo Estado ou pelos governantes locais é percebido como injusto ou intolerável. Mas, subjacentes a tais incidentes, há condições socioeconômicas gerais, em que muitos camponeses são marginalizados e vulneráveis" (J.D. Crossan).

Lembramos o mais famoso "bandido" da história de Israel, Davi, que nos relata 1Sm 22,1-2:

> "Davi partiu dali e se refugiou na caverna de Adulâm. Seus irmãos e toda a casa de seu pai souberam disso e desceram para juntar-se a ele. Então se reuniram em volta dele todas as pessoas em dificuldade, todos os endividados, todos os descontentes, e ele se tornou seu chefe. Havia com ele cerca de quatrocentos homens".

O Davi, defensor dos camponeses empobrecidos, endividados pela alta tributação, retomado em Samuel, nos situa o título atribuído a Jesus: "Filho de Davi", como líder de camponeses endividados, empobrecidos, expropriados de suas terras.

O regime de Herodes, o Grande, pôs fim à agitação político-social através de sua repressão, mas a complexa administração de Herodes, juntamente com seus ambiciosos projetos de construção, agravaram a carga tributária dos produtores camponeses. O pagamento aos romanos continuou. Os dízimos para os sacerdotes e o templo permaneceram. O efeito de cada uma dessas pressões sobre a produtividade e a subsistência dos camponeses judeus deve ter sido o de endividamento e, em conseqüência, um forçado êxodo rural. Nesse período a família camponesa teria que entregar 40%, ou mais, de suas colheitas e rebanhos (às vezes chegava até 60%) para o império em forma de tributos ou para o templo em forma de dízimos e oferendas para sacrifícios e holocaustos. A julgar pelas parábolas de Jesus, por exemplo, Mt 20,1-16 e Mc 12,1-9, era exatamente isso que estava acontecendo com os camponeses: um endividamento crescente, êxodo rural, mão-de-obra assalariada de proprietários maiores e um "exército" de sem-terras na beira do caminho e periferias das cidades (Lc 8,4-8).

Além do mais, outro fato que contribuiu para as agitações populares camponesas, e que está relacionado com o endividamento camponês e a perda das terras, são as periódicas secas e a fome resultante. Temos o registro de uma grande seca e fome em 25-24 aC, e outra na década de 40 dC. Em condições tão difíceis para o campesinato, não surpreendem os surtos de banditismo. Vejamos alguns:

– 57 aC: revolta camponesa contra as extorsões do procônsul da Síria, Gabínio;

– 47 aC: Ezequias, o líder bandido;

– 37 aC: os bandidos das cavernas da Galiléia;

– 44-46 dC: Tolomeu, o líder bandido.

Se a tradição do evangelho cristão, em Mc 15,27, for historicamente confiável – "e com ele crucificaram dois bandidos", numa tradução mais exata do grego – e pelas inúmeras menções a Jesus como Filho de Davi, por estar sempre acompanhado por desocupados, impuros, andarilhos, marginalizados... isso nos leva a identificar o Movimento de Jesus, com forte presença de trabalhadores rurais sem terra, como um movimento de resistência e contestação para a recuperação e redistribuição das terras expropriadas. Um projeto de retribalização, de reforma agrária.



*3. Terceira janela: Movimentos profético-messiânicos*

Durante o longo período entre a queda de Jerusalém (587 aC) e o séc. I dC, temos poucas informações claras sobre o que estava acontecendo entre a aristocracia judaica e os grupos letrados e menos ainda entre o povo comum, os pobres da terra. Jeremias, porta-voz desse último grupo, o povo pobre, campesino, das aldeias de Judá, quando não estava na prisão, "apodrecendo" no fundo de uma cisterna ou sofrendo outras formas de perseguição por parte do rei ou dos oficiais reais, estava coerentemente articulando a compreensão popular condicional da realeza (Jr 22,1-9.13-19). Assim, embora a justiça possa também ter sido um ideal da ideologia real na teoria, Jeremias anunciou o julgamento de Deus precisamente contra as práticas opressoras da casa real. Na verdade, para o povo pobre e simples da terra de Judá, a monarquia estabelecida tornava-se não só opressiva, mas também totalmente dispensável. Na tradição profética de Jeremias, da qual deriva o Movimento de Jesus, o bem-estar do povo, incluindo a monarquia condicional, dependia da observância das cláusulas da aliança: ações justas, incluindo a atenção para a causa dos pobres e necessitados. A queda da monarquia davídica não pode ter sido tão traumática para os camponeses oprimidos quanto aparentemente o foi para a elite dominante, da qual muitos membros foram levados ao cativeiro junto com a família real.

E a tradição messiânica davídica? – Na profecia messiânica, o futuro rei não nascerá na corte real de Jerusalém, mas num humilde clã da cidade de Belém (= Casa do Pão):

"E tu, Bet-Lehem (Belém) Éfrata, pequena demais para ser contada entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que deve governar Israel. Remontam à Antigüidade suas origens, aos dias de antanho. Por isso Deus os abandonará até o tempo em que dará à luz aquela que deve dar à luz. Então o que houver restado de seus irmãos se reunirá aos filhos de Israel" (Mq 5,1-2). Belém é o lugar onde Davi começou sua vida, perto da caverna de Adulâm (1Sm 22,1; 1Sm 16; 2Sm 7,9). Podemos dizer que a tradição messiânica davídica não vem da corte, da realeza de Jerusalém, mas do mundo campesino, do Davi que libera o saque e não cobra tributos, que reúne em torno de si endividados, gente em dificuldade, que fora expropriada das suas terras. E, também, porque não é apropriado falar do messianismo davídico como única esperança judaica de "messias", pois alguns textos escriturísticos mais importantes para as esperanças das gerações tardias de judeus não contêm uma linguagem explícita de "ungido" ou "rebento" de Davi. Apresentam antes um enfoque, por exemplo, no "cetro" ou numa "estrela", como em Gn 48,10 e Nm 24,17 respectivamente.

Chama atenção o fato de que muitas profecias referentes a um futuro rei provêm originalmente do Israel tribal ou remetem a tradições populares daquele período. Por exemplo: "Ezequiel, numa profecia do cumprimento das promessas a Abraão, não só liga a renovada observância dos preceitos da aliança com o novo Davi, mas também prefere o termo *príncipe* (nasi), designação do líder da antiga confederação tribal, ao título de *rei* (melek) (ver Ez 37,24-26). Outra profecia, mas sem menção explícita da

linhagem davídica, é acrescentada ao cântico de Ana, um dos grandes cânticos de vitória provenientes do antigo Israel tribal (1Sm 2,10). Finalmente, há a profecia anexada ao livro de Zacarias. Ao aclamar o futuro rei, a profecia evoca uma imagem do líder do Israel tribal, antes da época em que este possuía uma tecnologia militar mais avançada de cavalos e carros de guerra: 'Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento' (Zc 9,9-10)" (Horsley-Hanson).

No período asmoneu as esperanças messiânicas de uma figura real ungida começam a se renovar. Encontramos isso fortemente nos manuscritos do Mar Morto, entre a comunidade essênica. Mas é na região da Galiléia que as revoltas camponesas assumem a forma de movimento messiânico mais intenso.

Vejamos alguns documentos que nos relatam passagens significativas:

> "... Houve Judas, filho do salteador-chefe Ezequias (que tinha sido um homem de grande poder e só com muita dificuldade fora capturado por Herodes). Este Judas, depois que organizara em Séforis, na Galiléia, um grande número de homens desesperados, atacou o palácio. Tomando todas as armas que lá estavam guardadas, armou todos os seus sequazes e partiu com todos os bens que tinham sido pilhados. Atemorizava a todos saqueando a quantos encontrava, na sua ambição de mais poder e na sua ardente busca da posição real. Não esperava obter esse prêmio pela prática da virtude, mas pela vantagem de sua força superior" (*Antigüidades Judaicas*, 17.271-72).

> "Em Séforis, na Galiléia, Judas, filho de Ezequias (o salteador-chefe que outrora atacava o país e foi suprimido pelo rei Herodes), tendo organizado uma força considerável, assaltou o depósito real de armas, armou seus sequazes e atacava os outros que disputavam o poder" (*Guerra Judaica*, 2.56).

E outras revoltas camponesas como aquelas lideradas por Simão, por Astronges... Os participantes dos movimentos messiânicos foram principalmente camponeses. Essas revoltas ocorreram nas várias regiões do país, com predominância ao norte na Galiléia, em contraste com a metrópole Jerusalém.

A dimensão desses movimentos messiânicos e a seriedade da insurreição talvez possam ser avaliadas pelo tamanho da força militar que Varo, legado da Síria, julgou necessário para subjugar a rebelião. "Além das legiões já presentes na Judéia, convocou as duas restantes legiões da província (cerca de 6.000 cada uma) e quatro regimentos de cavalaria (500 cada um), bem como as tropas auxiliares fornecidas pelas cidades-estado e pelos reis subordinados da região. Varo mandara incendiar Séforis (onde tinha atuado o movimento de Judas) e reduzir seus habitantes à escravidão" (Horsley-Hanson).

> "Abandonada por seus habitantes, Emaús também foi queimada até o chão, quando Varo deu ordem para vingar o massacre de Ário e suas tropas. Depois ela marchou sobre Jerusalém, onde, à simples vista dele e de suas forças, os exércitos judeus se dissolveram e fugiram para a zona rural. Mas os que estavam na cidade deram-lhe as boas-vindas e negaram qualquer responsabilidade na revolta. Explicaram que não haviam feito nada, mas que tinham sido forçados a acolher a multidão de visitantes por causa da festa, de modo que, longe de participar do ataque rebelde, também eles estiveram sitiados como os romanos. Varo despachou parte de seu exército para a zona rural em busca dos responsáveis pela revolta, e entre os muitos capturados aprisionou os que pareciam ter exercido um papel menos ativo e crucificou os mais responsáveis – cerca de 2.000 ao todo" (*Guerra Judaica*, 2.71-75).



Mas não foi fácil exterminar os movimentos messiânicos. Por causa do interesse especial que apresentam com relação a Jesus e seu movimento, vale a pena assinalar, por fim, que havia diversos movimentos de massa compostos por camponeses judeus de aldeias e cidades como Emaús, Belém, Séforis – pessoas que se agrupam em torno da liderança de personagens carismáticas consideradas "reis ungidos" dos judeus.

Tais movimentos ocorreram nas três áreas principais da população judaica da Palestina (Galiléia, Judéia e Peréia), e precisamente na época em que presumivelmente nasceu Jesus de Nazaré. Talvez seja interessante observar que a cidade de Séforis, que foi incendiada e cujos habitantes foram vendidos como escravos no ano 4 dC, estava situada apenas algumas milhas (cerca de 8 km) ao norte da aldeia de Nazaré, a casa de Jesus. Além disso, a cidade de Emaús, o lugar de uma das aparições do Ressuscitado, segundo a tradição evangélica cristã (Lc 24,13-32), tinha sido destruída pelos romanos em retaliação por outro movimento de massa pouco mais de uma geração antes. A memória desses movimentos messiânicos populares sem dúvida estava viva na mente de muitos camponeses judeus que testemunharam as atividades de Jesus.

*4. Quarta janela: magos e curandeiros, magia e mesa, curas e refeições*

O Movimento de Jesus resgata a tradição popular de profetismo de cunho camponês e não escriturístico, em contraposição ao tipo "letrado", "templar" da corte, que se limitava à interpretação da lei da aliança dada por Moisés e à aplicação de oráculos antigos. Quanto aos que atuavam no profetismo popular, ainda que poucos fossem capazes de ler a Escritura, estavam perfeitamente familiarizados com as tradições orais dos antigos profetas e profetisas e da Aliança e Memória tribal: "Não penseis que vim para ab-rogar a Lei e os Profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir" (Mt 5,17). O verbo *cumprir*, no grego *pleroun* (πληρουν), pode significar *realizar*, no caso, uma profecia.

A memória profético-tribal estava muito viva entre o povo judeu do primeiro século. Os profetas de ação lideravam movimentos camponeses numa antecipação ativa dos atos divinos de libertação. Numerosas pessoas seguiam profetas/líderes populares, deixando seus trabalhos e casas para seguir seus líderes carismáticos no deserto, lugar da memória do tribalismo, modelo original que constituiu o povo de Israel, como povo livre em sua própria terra, daí que o profetismo contemporâneo de Jesus revive os movimentos proféticos conduzidos por Moisés, Josué, os/as Juízes/as, Elias, Eliseu, Jeremias...

O Movimento de Jesus retoma a tradição de Elias e Eliseu com evidência, por estes serem do norte, certamente, e por serem profetas não só de oráculos mas de ação. E o mais importante é que, com seus atos, milagres, curas e magias (controlar chuva...), esses profetas operam em nível nacional e internacional. Curam tanto ricos como pobres e, acima de tudo, Elias e Eliseu misturam magia e profecia e, enquanto magos e profetas ou profetas e magos, desenvolvem e ampliam uma combinação que já existia no tribalismo inicial. Jesus e o seu movimento retomam essa tradição. Jesus, como Elias e Eliseu, é da região da Galiléia, tão presente na tradição oral da classe desfavorecida, mas que também foi absorvida pela grande tradição.

J.D. Crossan sugere que "a magia está para a religião assim como o banditismo está para a política. Enquanto o banditismo contesta a legitimidade do poder político, a magia contesta o poder espiritual. Tanto no mundo antigo quanto no moderno pode-se fazer uma distinção entre magia e religião através das definições neutras e objetivas. A religião é a magia oficial e aprovada, a magia é uma religião extra-oficial e censurada. Ou, em termos simples: 'nós' praticamos religião, 'eles' praticam magia. Não importando se os magos são a favor ou contra a religião oficial. A sua própria existência, independente de suas intenções, já constitui uma ameaça para a validade e a exclusividade da religião".

Justamente por causa da magia, enquanto uma religião subversiva, extra-oficial, censurada e, muitas vezes, de classe baixa, que é recuperada pelo Movimento de Jesus, Elias e Eliseu, assim como Jesus de Nazaré, são magos.

Alguns estudiosos e estudiosas falam da possibilidade da existência de um "evangelho dos milagres", de cunho fortemente marcado pela magia. Como temos uma "fonte" das sentenças/ditados e uma outra do relato da paixão, teríamos uma outra comum, a dos milagres. Vejamos:

| | | |
|---|---|---|
| – Doença e pecado | Mc 2,1-12 | Jo 5,1-18 |
| – Pão e peixe | Mc 6,33-44 | Jo 6,1-15 |
| – Andando sobre a água | Mc 6,45-52 | Jo 6,16-21 |
| – Cura de um cego | Mc 8,22-26 | Jo 9,1-7 |
| – Ressurreição de um morto | Mc Secreto 1.20-2.11a | Jo 11,1-57 |

Havia algumas coleções de milagres, tão antigas quanto as coleções de sentenças que já conhecemos. As narrações miraculosas que Marcos traz, por exemplo, têm uma seqüência comum:

1. Começam com um milagre no mar,
2. Seguem-se três curas,
3. Encerram com um milagre que envolve alimento.



Primeira seqüência: Mc 4,35-41 → 5,1-20 → 5,21-24a.35-43 → 5,24b-34 → 6,33-44

Segunda seqüência: Mc 6,45-52 → 8,22-26 → 7,24-30 → 7,31-37 → 8,1-10

A relação da magia/milagre com a cura e a mesa/refeição é muito presente na tradição cristã do Segundo Testamento. A radicalidade da mobilidade de Jesus e seu movimento de discipulado itinerante é sinal claro de um igualitarismo sem intermediários. Nem Jesus e nem os/as seus/suas seguidores/as pretendiam se instalar num determinado lugar e estabelecer ali sua presença indeterminada; ao contrário, a cada manhã, vão ao encontro das pessoas. Tomemos o texto de Mc 1,29-39: a casa da sogra de Pedro estava se tornando um lugar de curas de Jesus, Pedro iria funcionar como intermediário entre Jesus e aqueles que procuravam sua ajuda. Jesus toma outra atitude: sai, passa um dia inteiro longe de todos, no deserto... depois vai para outras aldeias vizinhas... Aparece a oposição entre Jesus e Pedro, com visões incompatíveis a respeito da missão. Essa mobilidade (à semelhança dos cínicos) torna-se radical ao ser associada à cura, à magia e à realização dos milagres. O ato de compartilhar igualitariamente dons espirituais e materiais, milagre e mesa, não pode estar preso a um lugar específico, pois acabaria se tornando mais um ritual hierárquico (como no templo).

Para o Movimento de Jesus, a casa deveria ser um espaço de acolhimento da vida, da cura, do prazer, da liberdade... deveria ser uma extensão dos campos, dos caminhos e não poderia tornar-se espaço de aprisionamento e exclusão. É como a "Casa do Povo", da parábola do Mesters: "A casa tinha uma porta bonita e larga, que dava para a rua onde o povo passava... porta estranha, seu limiar parecia eliminar a separação que havia entre a casa e a rua. Quem por ela entrava parecia continuar na rua. Quem passava na rua parecia ser acolhido e envolvido pela casa".

**Entrando na Casa de Betânia: retomando a tradição da comunidade do/a discípulo/a amado/a**

"Felicidade é uma cidade pequenina
É uma casinha, é uma colina
Qualquer lugar que se ilumina
Quando a gente quer amar
Se a vida fosse trabalhar nessa oficina
Fazer menino ou menina
É difícil em Maracá
Virtude e vício
Liberdade, precipício
Fazer pão, fazer comício
Fazer gol e namorar
Se a vida fosse o meu desejo
Dar um beijo em teu sorriso, sem cansaço
E o portão do paraíso é o teu abraço

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS

Quando a fábrica apitar
Felicidade é uma cidade pequenina
É uma casinha, é uma colina
Qualquer lugar que se ilumina
Quando a gente quer amar
Uma paisagem entre o pão e a poesia
Entre o quero e o não queria
Entre a terra e o ar
Não é a guerra, nem saudade, nem futuro
É o amor no pé do muro
Sem ninguém policiar
É a faculdade de sonhar, é a poesia
Que principia quando eu paro de pensar
Pensar na luta desigual, na força bruta, meu amor
Que te maltrata entre o almoço e o jantar
Felicidade é uma cidade pequenina
É uma casinha, é uma colina
Qualquer lugar que se ilumina
Quando a gente quer amar
Um lindo espaço entre a fruta e o caroço
Quando explode é um alvoroço que distrai o teu olhar
É a natureza onde eu pareço a metade
Da tua mesma vontade escondida em outro olhar
E como o doce não esquece a tâmara ainda
Essa beleza sofrida quando a outra começar
Vai ser bem feito nosso amor daquele jeito
Nesse dia é feriado, não precisa trabalhar
Pra não dizer que não falei da fantasia
Que acaricia o pensamento popular
E o amor que fica entre a fala e a boca
Nem a palavra mais louca consegue significar
Felicidade..." (Pão e Poesia – MPB 4)

**Conhecendo melhor a Casa de Betânia: a comunidade do/a discípulo/a amado/a. Alguns ingredientes importantes**

Optamos por reconhecer o quarto evangelho, ou o evangelho do/a discípulo/a amado/a, como fonte originária, muito próxima a Jesus e ao seu movimento de discipulado itinerante. Para isso ser possível é preciso "des-construir" estruturas posteriores que são remetidas às origens. É preciso recuperar o que é verdadeiro nas origens. Antes de termos igreja, temos movimentos. Tempo do espírito. Tempo de missão. Primeiro é a missão, depois a Igreja. É o movimento missionário, do espírito, da Palavra, que dá origem à Igreja.



Precisamos recuperar com seriedade o dado de que Jesus é judeu, e que seu movimento vem em continuidade aos movimentos socioculturais religiosos e políticos... de seu tempo. Jesus segue profundamente as tradições judaicas, identificando-se com algumas dessas tradições e não outras, traz bem viva a memória do Êxodo, dos Profetas, a Apocalíptica, a Sabedoria... Jesus vive um momento da história de grande efervescência, para não dizer de agitação social, política, cultural, religiosa.

Geralmente identificamos a origem do cristianismo com a formação do cânon bíblico e esquecemos algo fundante: que o Movimento de Jesus e as Primeiras Comunidades Cristãs não tinham o Segundo Testamento, mas só o Primeiro Testamento, as tradições orais e mais os inúmeros livros chamados de apócrifos (o cânon do Primeiro Testamento ainda não estava fechado), aos quais recorrem as tradições de Jesus.

Até 180 dC não há diferença entre o que é "ortodoxo" e "heterodoxo" (heresia?!). Há uma mescla, uma mistura. Há uma diversidade de tradições, de Igrejas. Nos cristianismos originários prevalece a diversidade de tradições, o próprio cânon do Segundo Testamento primou pela diversidade: 4 Evangelhos, inúmeras cartas para Igrejas/comunidades diferentes e com tradições diferentes.

E temos a tradição mais radical, isto é, a que conservou a radicalidade de Jesus e seu movimento de discipulado itinerante, a do/a discípulo/a amado/a, o quarto evangelho da tradição cristã: "acredita-me, ó mulher, vem a hora em que nem sobre essa montanha nem em Jerusalém adorareis ao Pai. Vem a hora, e é agora, na qual os verdadeiros adoradores adorarão ao Pai em espírito e verdade" (Jo 4,21b-23).

Para remontarmos e reconstruirmos as origens cristãs partimos de três aspectos fundamentais. No projeto de Jesus, (1) o *Reino de Deus* é identificado não com o templo (= casa de ladrões/espaço dos sacerdotes sadoquitas), nem com o reino davídico (monarquia e proprietários rurais) e nem com a lei (escribas, fariseus), mas com (2) *os pobres*, com a periferia geográfica das cidades e dos campos, com os empobrecidos e marginalizados, excluídos à beira do caminho. São os pobres a identidade do Projeto de Jesus (Lc 4,18-21), um povo que tem (3) *corpo* de pobres, de mulheres, de crianças, de velhos, de homens – corpos que se diferenciam pela sexualidade, raça, cultura, crença. É na diversidade dos corpos que temos a possibilidade de relação. O relacionamento só é possível a partir da corporeidade.

A comunidade do/a discípulo/a amado/a representa um cristianismo diretamente ligado ao Movimento de Jesus. Nasce diretamente do discipulado de Jesus. Reconstruir o evangelho da comunidade do/a discípulo/a amado/a é reconstruir o próprio Movimento de Jesus. É o cristianismo que melhor enfrenta o desafio da helenização; usa, por exemplo, categorias da filosofia grega como *logos* (palavra), mas com toda a carga de sentido da tradição semítica. *Palavra* é *dabar*: é a palavra que, dita, acontece. O dizer e o fazer estão juntos. Não há o dualismo grego. *Palavra* é *carne*. Isso arrasa com a filosofia platônica, que reduz e descarta tudo que é *corpo*. A base da tradição da comunidade do/a discípulo/a amado/a está muito próxima à de Qumran e não à dos gnósticos. A linguagem dos escritos do Mar Morto nos confirma a semelhança com

a do quarto evangelho. Isso nos ajuda a lançar a hipótese de que a tradição da comunidade do/a discípulo/a amado/a tem uma tradição própria, de época muito próxima à do Movimento de Jesus.

**Em busca da "tradição" própria da comunidade do/a discípulo/a amado/a: alguns temperos que dão sabor próprio e único**

A geografia não inventa lugares, trabalha com base em informações recebidas e válidas. A moderna pesquisa arqueológica confirma a existência dos lugares. A Casa de Betânia é a referência. No quarto evangelho temos a presença de diferentes lugares na Judéia, Samaria e além-Jordão, que estão ausentes nos Sinóticos. Ora, esta tendência "sulista" da sua topografia não pode ser imaginada ficando em Éfeso, o que nos leva a pensar numa tradição protojoanina que tinha como interesse a Palestina meridional e a Transjordânia.

O evangelho da comunidade do/a discípulo/a amado/a apresenta evidências do "João Batista histórico". Jo 1,19-37 evidencia uma tradição de João Batista em Betânia além-Jordão. E Jo 3,22-30 põe uma tradição de João Batista em Ainão, perto de Salim. Essas tradições refletem falas e crenças típicas dos judeus (o uso de Is 40,3, por exemplo, que apresenta Elias como precursor do Messias). São "cheiros" de historicidade.

Ditos de Jesus, próprios do quarto evangelho, alguns diálogos entre Jesus e a comunidade do/a discípulo/a amado/a parecem fundados numa antiga tradição:

1. Jo 4,31-34 – sobre a comida,
2. Jo 6,67-70 – confissão de Pedro,
3. Jo 7,35 – Jesus e seus irmãos,
4. Jo 9,2-5 – Jesus e o cego de Siloé.

A presença de 12 parábolas nos aproxima do Movimento de Jesus.

O conto da Paixão, do quarto evangelho, é único em particularidades como: o lava-pés; a prisão de Jesus/conivência da coorte romana num horto além do riacho do Cedron; o "outro discípulo" conhecido do sumo sacerdote que fez entrar Pedro; o processo frente ao governador romano; Gábbata; a inscrição em três idiomas sobre a cruz; a túnica sem costuras; Madalena e o uso do termo *Rabuni* destacam um bom conhecimento dos acontecimentos e da situação judaica antes das guerras judaicas, antes de 64, portanto.

A tradição da comunidade do/a discípulo/a amado/a é predominantemente de mulheres, são elas as protagonistas:

1. Jo 2,1-12 – Mãe/mulher nas Bodas de Caná.
2. Jo 4,4-42 – Samaritana e o evangelho radical.
3. Jo 11,17-36 – Marta de Betânia e a profissão apostólica da fé no Cristo.
4. Jo 12,1-8 – Unção de Maria, irmã de Lázaro, antecipação do lava-pés.
5. Jo 20,1-18 – Maria de Mágdala: Primeira Apóstola.



**Duas Betânias: a mesma casa de Jesus**

> "Isso se passava em Betânia, além do Jordão, onde João batizava" (Jo 1,28).
>
> "No dia seguinte, João se achava de novo no mesmo lugar com dois de seus discípulos" (Jo 1,35).
>
> "'Que procurais?', perguntou Jesus, e eles responderam: 'Rabi, onde moras?' Ele lhes disse: 'vinde e vereis'. Eles foram, pois, viram onde morava e permaneceram junto dele" (Jo 1,38b-39b).

O lugar da comunidade de Jesus é Betânia além-Jordão; sua localização geográfica significa o afastamento da instituição judaica e exortação à ruptura com ela. Jesus reside fora da instituição judaica, criando o lugar do Espírito. É o novo Êxodo (em sentido contrário) que possibilita uma nova comunidade, uma nova entrada na Terra Prometida, da liberdade. Volta ao projeto do tribalismo.

Outra é a Casa de Betânia, perto de Jerusalém, a de Maria, Marta e Lázaro. Esses três personagens representam a nova comunidade tribal, que acolhe o projeto libertador de Jesus. É a comunidade que ainda vive dentro das fronteiras de Israel. Nesta comunidade Maria ocupa o centro. É figura mais conhecida que Lázaro e indica que Betânia é sua aldeia; Marta é posta em relação a ela por ser irmã. As três personagens formam um grupo de iguais e se revezam quanto ao lugar que ocupam, são irmãos/ãs da mesma comunidade. "Irmão" e "Irmã" era uma das maneiras de chamar-se entre o discipulado de Jesus e indica, como já o próprio lugar (Betânia), a pertença de Maria à Comunidade de Jesus e a relação de amor e igualdade vigente entre os seus membros. Outro modo de chamar-se será "amigo" (Jo 11,11 e Jo 15,15). Jesus e seus discípulos são "amigos", são "irmãos". Não estabeleceu diferença: Jesus se faz membro de sua comunidade de iguais (nosso amigo).

A dupla localização de Betânia, uma aquém e outra além-Jordão, simboliza dois estados nas comunidades cristãs: a comunidade de quem creu e saiu da antiga instituição e outra daqueles que, tendo dado adesão a Jesus e sendo, portanto, discípulos, ainda não romperam com seu passado judaico.

O capítulo 11, que narra a ressurreição de Lázaro, mostra-nos dois grupos bem distintos: o de Jesus e o daqueles que vão à casa/comunidade de Betânia e não vêem nos "irmãos" uma ruptura semelhante à que Jesus fez. Confirma-se a dupla Betânia. Enquanto Jesus vai ver Lázaro para despertá-lo, os judeus vão ver as irmãs para consolá-las na morte, para eles irremediável, e nada podem oferecer. É Jesus quem lhes dá o verdadeiro consolo. O "irmão" e "amigo", por quem Jesus chora, define Lázaro como membro da comunidade cristã.

Marta entra em cena para proferir a confissão de fé. Jesus age em continuidade à ação dos antigos profetas Elias e Eliseu (2Rs 4,8). Marta representa a fé apostólica plena da comunidade do/a discípulo/a amado/a, o mesmo que Pedro representa para a tradição mateana. E, o mais importante, a sua confissão de fé é repetida no final do evangelho em Jo 20,31, onde o/a autor/a expressa a fidelidade que ele/a teve em mente

ao escrever o evangelho. Fiorenza retoma a tese de que se esse sumário concluía a fonte dos sinais, então seria possível conjecturar que o/a autor/a colocou deliberadamente essas palavras de sua fonte nos lábios de Marta como auge da confissão de fé de um 'discípulo amado' no sentido de identificá-la com o escritor do livro. Essa sugestão não é inconcebível, uma vez que não sabemos quem foi o/a autor/a do evangelho. Por outro lado, essa conjectura não pode ser provada nem refutada historicamente.

A comunidade de Jesus é a comunidade daqueles que têm a vida definitiva; são os "ressuscitados da morte". A fórmula da confissão de Marta devolve ao título Messias o seu pleno significado: a unção, que é o Espírito, faz de Jesus, o Filho de Deus, a presença de Deus no meio da humanidade. "A Palavra se fez carne e armou sua tenda no meio da humanidade" (Jo 1,14).

**Lavando os pés: a comunidade do discipulado de iguais: preparando a mesa para a refeição**

No evangelho da comunidade do/a discípulo/a amado/a Jesus revela Deus como Deus-Amor: dando a vida pelos seus, fazendo deles amigos. Jesus pede, por isso, para que amem uns aos outros. A comunidade dá testemunho diante do mundo na medida em que o amor mútuo é uma realidade (Jo 13,34) e esse amor atinge sua plenitude quando se é capaz de dar a vida pelos amigos (Jo 15,13). Que a comunidade do/a discípulo/a amado/a constitui uma comunidade alternativa manifesta-se claramente na ação-sinal de Jesus ao lavar os pés dos discípulos. Todo o ministério de Jesus e sua revelação de Deus se resumem nessa cena do lava-pés (Jo 13,1-17). Fiorenza, de forma clara e bela, fala que o ato de lavar os pés e a interpretação de Jesus sobre ele são interrompidos pela compreensão equivocada e pelo protesto de Pedro, que não entende que os discípulos já estão limpos e santos pela palavra de Jesus (Jo 15,3; 17,17). A finalidade da ação-sinal simbólico não é a purificação ritual templar, sacerdotal, mas o acabamento da revelação de Jesus em sua práxis de serviço e de amor. Se Pedro deixa de receber o serviço de amor, não tem parte alguma em Jesus e seu ministério.

Se as relações de igualdade são caracterizadas por revezamento de relações de poder e por liderança alternante aberta a todo membro da comunidade, então o Jesus do quarto evangelho advoga o exercício de liderança e poder mediante o revezamento de serviço e amor entre o discipulado de iguais, de amigos e irmãos. Por isso o evangelho da comunidade do/a discípulo/a amado/a nunca sublinha a liderança especial dos doze entre os discípulos, se bem que saiba do círculo dos doze. Todos os membros da comunidade receberam o Espírito, nasceram de novo (Jo 3,3-9) e receberam os poderes da nova criação. O Senhor Ressuscitado aparece a todos os discípulos, e não só aos doze. Todos os discípulos recebem a mesma missão de Jesus (Jo 20,21), todos recebem o Espírito (Jo 20,22) e a todos se dá o poder de perdoar os pecados (20,23). Se Raymond Brown tem razão ao supor que a narrativa pré-evangélica se referia aos onze, então o/a autor/a do quarto evangelho mudou propositadamente a tradição para referir-se a todos os discípulos e não primariamente aos doze (Mt 16,19; 18,18; 28,16-20). A comunidade do/a discípulo/a amado/a, comunidade de amigos, entende-se primariamente como comunidade de discípulos. O/a discípulo/a amado/a é sua autoridade apostólica e centro simbólico. Essa comunidade está constituída como discipulado de iguais pelo amor que têm uns aos outros.



O/a discípulo/a amado/a aparece pela primeira vez na ceia, que Jesus celebra com todos/as os/as discípulos/as e não só com os doze; embora o termo discípulo inclua os doze e embora sabendo que eles têm papel de liderança na tradição, o/a autor/a do quarto evangelho coloca o/a discípulo/a amado/a explicitamente em contraste com Pedro. E como observa Fiorenza "a comunidade do/a discípulo/a amado/a considera claramente os doze e o seu porta-voz Pedro pertencentes aos que Jesus chama de "seus", mas, pondo em contraste o herói da comunidade com Pedro afirma implicitamente a superioridade de sua própria forma de discipulado sobre a da comunidade petrina. Se bem que Pedro seja reabilitado no capítulo redacional 21, a narrativa evangélica aponta em geral noutra direção. Sob pressão ele nega ser discípulo de Jesus (Jo 18,17-25); na última ceia Pedro depende do/a discípulo/a amado/a para informação (Jo 13,23-26); ele não se encontra sob a cruz de Jesus na hora em que a nova comunidade nasce (Jo 19,25-27); ele não é o primeiro a crer na ressurreição (Jo 20,2-10) e não reconhece o Senhor ressuscitado (Jo 21,7) como faz o/a discípulo/a amado/a. A disputa entre o cristianismo das comunidades do/a discípulo/a amado/a e o das comunidades petrinas parece não se ter centrado em temas cristológicos, mas em questões de discipulado. O capítulo 21 reconhece a liderança da solicitude pastoral de Pedro, mas unicamente com a condição de que ele "ame" Jesus, ou seja, que adote a liderança altruística advogada pelo Jesus da comunidade do/a discípulo/a amado/a.

**Diaconia: mulheres e homens presidindo e servindo à mesa da eucaristia e da palavra**

Já mencionamos quão notório e saliente é o lugar que as mulheres ocupam no quarto evangelho:

- O ministério público de Jesus começa e termina com uma narração sobre uma mulher. A mulher, mãe de Jesus, em Caná (Jo 2,1-12), e a unção de Maria de Betânia (12,1-8).
- Ao lado do fariseu Nicodemos (Jo 3,1-13) coloca a mulher samaritana (Jo 4,1-30).
- Ao lado da confissão cristológica de Pedro (Jo 6,67-71) coloca a de Marta (Jo 11,17-27).
- Quatro mulheres e o/a discípulo/a amado/a estão sob a cruz de Jesus.
- Maria Madalena não só é a primeira a testemunhar o túmulo vazio, como também a primeira a receber e tocar o Senhor Ressuscitado.

Enquanto Marta é responsável pela fé cristológica da comunidade, Maria de Betânia articula a práxis autêntica do discipulado. Percebemos que na comunidade do/a discípulo/a amado/a o único ofício estabelecido era o da diaconia. Ao contrário de Lucas, aqui Marta e Maria não estão em atitude competitiva, mas sim como ministras de uma ceia que acontece num Domingo à tarde, o dia em que as primeiras comunidades celebravam a ceia eucarística.

A unção dos pés de Jesus por Maria, enxugando-os com seus cabelos, aponta antecipadamente para a última ceia de Jesus, quando Jesus lava os pés dos discípulos e os enxuga com uma toalha. Maria, a discípula fiel, contrasta com a centralidade de Judas; tanto nesta cena como no lava-pés, onde Judas, o discípulo infiel, é desacreditado como toda a objeção masculina a respeito da unção por parte de Maria, Jesus é enérgico e duro no rechaço: "Deixai-a!" (Jo 12,7). Maria de Betânia, símbolo do discipulado fiel e verdadeiro, em contraste com o traidor, que era um dos doze.

**A casa de ontem e a casa de hoje: fazendo sopa e tomando chimarrão**

Queremos re-tomar e re-tornar à casa;
Queremos re-construir a casa e re-criar relações;
Queremos entrar na casa sem bater à porta;
Queremos nos sentir bem à vontade, como na casa do Pai e da Mãe, na *bet'ab* e na *bet'em*...
Queremos uma casa onde não prevaleçam os laços de sangue, mas a decisão de fazer a vontade do amor;
Queremos re-criar relações de justiça, de partilha, de inclusão de uma casa onde todos e todas tenham vez, voz;
Queremos a casa de Jesus, no discipulado de iguais, como proposta de vida plena para toda a humanidade.

**Referências bibliográficas**


Apostila e Anotações do Curso de Assessoria Bíblica, Lages – SC, 1998.

Arens, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

Bíblia – Tradução Ecumênica. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

Brown, R.E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

Crescenzo, Luciano. *Storia della filosofia greca*. Roma: Arnoldo Mondadori Editore, 1988.

Crossan, John Dominic. *O Jesus histórico*. São Paulo: Ed. Imago, 1994.

Estévez, Elisa. A mulher na tradição do discípulo amado, *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 17, 1994/1, p. 65-74.





Fiorenza, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

—. *Discipulado de iguais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

Gaarder, Jostein. *El mundo de Sofía*. Madrid: Siruela, 1994.

Horsley, R.A. & Hanson, J.S. *Bandidos, profetas e messias*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.

Jaubert, A. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

Jeremias, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

Mateos, J. & Barreto, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.



*Hermes Tonini*
Praça Miguel Baby, 111
88590-000 Anita Garibaldi, SC